

Memória coletiva africana e medieval: convergências e divergências

HELENICE CHRISTINA LIMA SILVA *

Resumo

O presente artigo tem como proposta estabelecer um estudo bibliográfico por meio de um recorte sincrônico de como ocorre o processo de construção da memória coletiva medieval no Ocidente e a memória coletiva africana, com o objetivo de demonstrar pontos de divergência e convergência entre ambas. Estabelecendo como ponto de partida um paralelo em relação a aspectos referentes ao seu funcionamento, como são exercidas e praticadas, e a função que exercem nessas sociedades, ressaltando a memória coletiva africana como forma de manutenção da sociedade, a partir do estudo de trechos da obra *Amkoullel, o menino fula*, de Amadou Hampâté Bâ.

Palavras chave: África; Idade Média; Amadou Hampâté Bâ; Amkoullel, o menino fula.

Abstract

This paper proposes to establish a bibliographical study by means of a synchronic delimitation of how occurs the construction process of the Western Medieval collective memory and the African collective memory, aiming to demonstrate points of divergence and convergence between them. Establishing, as starting point, a parallel of the aspects related to their operation, how they are put in practice, emphasizing the African collective memory as a way to maintain the society, from the study of parts of the work *Amkoullel, o menino fula*, by Amadou Hampâté Bâ.

Key words: Africa; Middle Ages; Amadou Hampâté Bâ; Amkoullel, o menino fula.



* HELENICE CHRISTINA LIMA SILVA é Professora da Rede Municipal de Uberlândia; Mestranda em Teoria Literária (Universidade Federal de Uberlândia).

Introdução

O trabalho realizado sobre a memória coletiva na sociedade medieval ocidental e na sociedade africana parte do pressuposto de qual seria o papel do homem nessas sociedades. A memória há anos tem sido o sustentáculo da sociedade no que concerne a sua conservação.

No caso do Ocidente, a escrita é a efetivação dessa memória. E o homem se torna o objeto propulsor de transformar essa memória oral em escrita.

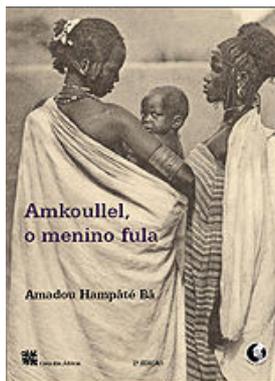
Já refletindo sobre o processo da memória africana, a trajetória da manutenção se efetiva no próprio homem, esse ser que, por meio de sua oralidade, bem distante de concretizar-se em escrita, é de fato o objeto essencial de manutenção dessa sociedade, tendo como veículo a palavra.

A partir desse contraponto entre oralidade e escrita é que será estabelecida a construção da memória coletiva nessas sociedades, percurso que nos remete ao papel que a memória assume, e que se mantém tanto na memória coletiva medieval quanto na memória coletiva africana.

1. Memória coletiva

Segundo Jacques Le Goff (2003), a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. Acumular os elementos dessa memória faz parte da vida cotidiana.

A memória não é apenas individual, o indivíduo, dentro do contexto no qual está inserido, transforma essa memória, a princípio individual, em coletiva, por intermédio de suas lembranças vivenciadas, que vão sendo repassadas e



que passam a não lhe pertencer somente, mas ao grupo do qual se origina.

A existência das etnias ou das famílias é onde ocorre o primeiro domínio no qual se cristaliza a memória coletiva, é ali que se desencadeia a construção da identidade. A memória tem início com um acontecimento fundador, simplificando muitas vezes o que ficou no passado com noções de tempo entre “nossos dias” e “antigamente”.

No jogo e na luta das forças sociais pelo poder, a memória coletiva é posta, e o esquecimento é um aspecto relevante nessa luta de poder, no qual a memória se insere pelo fato de determinar formas de camuflar os fatos de acordo com a dominação. Le Goff (2003) reitera que tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e que dominam as sociedades históricas. Para ele os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores deste mecanismo de manipulação da memória coletiva.

Sendo assim, a memória coletiva se forma por fatos, aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade. A mesma se expressa naquilo que podemos nomear como “lugares da memória”, que são os monumentos, arqueologia, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão sólida de um passado coletivo de uma dada sociedade.

2. Memória coletiva medieval

Enquanto temos a memória social, vista como “popular” ou, muitas das vezes, folclórica, nos escapa quase inteiramente a memória coletiva sob o viés da Idade Média. A essa memória medieval

Jacques Le Goff estabelece algumas considerações:

A memória coletiva formada por diferentes estratos sociais sofre, na Idade Média, profundas transformações. O essencial vem da difusão do cristianismo como religião e como ideologia dominante e do quase monopólio que a Igreja conquista no domínio intelectual (LE GOFF, 2003, p. 438).

Os traços mais característicos das metamorfoses da memória na Idade Média se inserem no processo de cristianização da memória e da mnemotécnica. A memória coletiva nesse período apresenta-se dividida entre uma memória litúrgica e uma memória laica, além do desenvolvimento da memória dos mortos conjuntamente com o papel de fazer dessa memória a articulação entre o oral e o escrito, surgindo assim os tratados de memória.

No que tange ao Cristianismo, o ensino cristão apresenta-se como a memória de Jesus transmitida pela cadeia de apóstolos e dos seus sucessores; o ensino cristão é memória. Os mártires eram testemunhos e, depois de sua morte, cristalizavam-se na recordação da memória dos cristãos. A comemoração dos santos tinha seu lugar conhecido no dia de seu martírio ou de sua morte. Ao associar morte e memória, o cristianismo se difunde ainda mais, com base no culto pagão dos antepassados e dos mortos.

Todavia a memória tinha um papel considerável no mundo social, no mundo cultural, de acordo com Le Goff (2003), porque a Idade Média venerava os velhos, sobretudo porque via neles homens-memória, prestigiosos e úteis. Nestes tempos o escrito se desenvolvia a par do oral, e possuía, por meio dos clérigos e literatos, um equilíbrio entre memória oral e memória escrita.

Durante muito tempo, no domínio literário, a oralidade permanecia emparelhada à escrita, e a memória era um dos elementos constituintes dessa literatura medieval. Isso fica claro nos séculos XI e XII, quando o trovador faz apelo a processos de memorização por parte dos ouvintes para que se integre na memória coletiva, como relata Paul Zumthor, quando considera o herói épico: “herói novo existe senão no canto, mas não deixa de existir também na memória coletiva, na qual participam os homens, poeta e público”. (ZUMTHOR, 1972 *apud* LE GOFF, 2003, p.446).

O autor deixa clara a importante presença, neste caso, do poeta e do público na conservação dessa memória coletiva. Pois o poeta utiliza de recursos mnemônicos com o ouvinte/público, valendo-se da repetição do canto como forma de memorização.

No século XIII, a memória passa a ter um lugar importante; na doutrina clássica então surgem regras mnemônicas. Acredita-se que o poder mnemônico reside na parte sensitiva da alma e que a memória está ligada ao corpo. Outra regra seria o cálculo do que se deseja recordar; a memória passa a ser a razão. É necessário meditar no que se deseja recordar, a meditação preserva a memória.

Essas regras exerceram influência, durante séculos, sobretudo do século XIV ao XVII, nos teóricos da memória, nos teólogos, nos pedagogos e nos artistas.

[...] a memorização, meio natural de conservação da poesia oral, permaneceu a única forma em vigor, nas sociedades de escrita, durante o longo tempo em que seu uso ainda não estava generalizado: na Europa, até o fim do século XIX ou metade do nosso, dependendo das regiões; até hoje, em grande parte do

chamado Terceiro Mundo. Para além do limiar tecnológico, a partir do qual sua importância relativa decresce rapidamente, a memorização continua a cumprir seu ofício (ZUMTHOR, 2010, p. 276).

Enfim, o autor nos deixa claro o valor dado à memorização; mesmo em meio às revoluções tecnológicas, a memória ainda preside como quesito de registro de uma sociedade.

3. Memória coletiva africana

A partir do estudo de uma civilização oral, o africanista Jan Vansina (2010) defende que a oralidade é uma atitude diante da realidade, neste caso a africana, e não a ausência de uma habilidade, no caso a habilidade de escrever. E são justamente as sociedades orais as que, segundo ele, melhor preservam a capacidade de compreensão de seu passado por meio da memória coletiva.

No trabalho com as tradições orais, o estudioso deve se prender em relação ao discurso, atitude diferente da de uma civilização onde a escrita já registrou todas as mensagens consideradas importantes.

A fala em uma sociedade oral não é apenas um meio de comunicação diária, mas um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais por meio da tradição oral. Tradição esta que pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Nas civilizações africanas a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas e isso é o que prevalece na maioria das civilizações africanas.

Devido a isso, as tradições desconcertam o historiador da contemporaneidade, que, por estar imerso em um grande número de evidências escritas, sente-se obrigado a desenvolver técnicas de leitura rápida, pelo fato de chegar à compreensão a

repetição dos mesmos dados em várias mensagens, e pelas tradições requererem um retorno contínuo à fonte. É ingenuidade ler um texto oral uma ou duas vezes e supor que já o compreendeu; ele deve ser escutado, digerido, decorado internamente, como um poema, e cuidadosamente examinado, para que se possam apreender seus muitos significados.

De acordo com Vansina (2010), o historiador deve, portanto, aprender a trabalhar mais lentamente e refletir para envolver-se em uma representação coletiva, já que o corpus da tradição é a memória coletiva de uma sociedade que se explica a si mesma.

Para o autor, estudioso da tradição oral nas sociedades africanas:

O trabalho do historiador deve iniciar-se primeiramente, nos modos de pensar da sociedade oral, antes de interpretar suas tradições... o verbalismo e sua maneira de transmissão difere das fontes escritas. (VANSINA, 2010, p. 140).

4. Memória Coletiva Africana em *Amkoullel, o menino fula*, de Amadou Hampâté Bâ

4.1. Amadou Hampâté Bâ

Um dos primeiros intelectuais africanos do século XX a se preocupar com o resgate da memória coletiva africana na região do Mali, por meio de levantamento, coleta, transcrição e tradução das narrativas orais tradicionais. Dedicou sua vida para classificar seus arquivos sobre as tradições orais da África Ocidental, bem como escrever suas memórias.

Hampâté Bâ é considerado por muitos estudiosos como um dos maiores especialistas da cultura “peule”¹ e das

¹ Peule – fulas: pastores que guiavam seus rebanhos por toda África savânica, em busca de

tradições africanas. Preocupado com a extrema fragilidade da cultura ancestral africana, lança um grito que se tornou célebre: “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”.

4.2. *Amkoullel, o menino fula*

A obra se insere no gênero autobiográfico, no qual o autor ora se comporta como narrador, ora como personagem, e, por meio dessa postura, consegue articular os fatos, tendo a posição de quem observa e vivencia sua própria história. Os personagens surgem na medida em que os fatos são narrados, demonstrados por seus ofícios, famílias, etnias e/ou grau de importância; aspectos relevantes nas sociedades africanas.

Tendo como base as lembranças, faz um relato dos fatos memoráveis que marcaram sua trajetória e que, embora publicados a título póstumo, eternizaram a força da palavra na tradição oral africana.

De acordo com Hampâté Bâ, a memória africana transcorre assim:

[...] como é que a memória de um homem de mais de oitenta anos é capaz de reconstruir tantas coisas e, principalmente, com tal minúcia de detalhes? É que a memória das pessoas de minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem [...] Quando se reconstitui um acontecimento, o filme gravado desenrola-se do começo ao fim, por inteiro. Por isto é muito difícil para um africano de minha geração “resumir”. O relato se faz em sua

pastos, água fresca e ouvintes para transmitir toda sua sabedoria, que traziam na memória.

totalidade, ou não se faz. Nunca nos cansamos de ouvir mais uma vez, e mais outra a mesma história! Para nós, a repetição não é um defeito! (BÂ, 2003, p. 13).

Dessa maneira percebemos a importância do trabalho com a memória desde a infância, utilizando-se de recursos como a memorização dos fatos como um todo, atentando-se a cada detalhe, como se projetasse a cena vivida. A repetição, nas sociedades africanas, também deve ser considerada, pois permite ao interlocutor, por meio das narrativas orais comuns na história africana, penetrar no espírito dos povos africanos no que concerne à herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos.

A herança, de acordo com Bâ em “A tradição viva”(2010) ainda não se perdeu, residindo na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer que são a memória viva da África.

4.3. A memória africana em *Amkoullel, o menino fula*

Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram os cérebros dos homens. Em *Amkoullel, o menino fula*, percebemos com clareza como a memória dos africanos, considerados povos sem escrita, é desenvolvida.

Silencioso como cabia a toda a criança no meio de adultos, eu não perdia uma migalha do que ouvia. Foi lá, que mesmo antes de saber escrever, aprendi a tudo armazenar em minha mente, já bastante exercitada pela técnica de memorização auditiva da escola corânica. Fosse qual fosse a extensão de um conto ou de um relato, eu o gravava em sua totalidade e no dia

seguinte ou alguns dias depois, o repetia tal e qual a meus companheiros. (BÂ, 2003, p. 175).

A memória africana na obra nos demonstra que o dado a ser retido fica inscrito imediatamente na memória do tradicionalista, e permanece disponível em sua totalidade, tal como um filme que se desenrola do começo ao fim. Não se trata de uma simples recordação, mas de trazer ao presente um evento passado, dos quais todos participam, o narrador e sua audiência. Esta peculiaridade da memória africana tradicional, ligada a um contexto de tradição oral, é em si uma garantia de autenticidade.

Assim, o que podemos perceber, no que concerne à obra, são pontos relevantes em relação à memória coletiva africana e que se tornam fonte de sua manutenção, os quais o autor faz questão de evidenciar: os recursos mnemônicos, como a repetição, a memorização.

Considerações finais

Enfim, o que podemos perceber nesse paralelo estabelecido entre a memória coletiva medieval e a memória coletiva africana é que há pontos de divergência e convergência entre elas, mas as relações de poder que envolvem a memória medieval se tornam fator diferencial quando tratamos da memória coletiva, pois nessa sociedade há “filtros” através dos quais os indivíduos que nelas estão inseridos passam a exercer o poder de seleção do que precisa ser guardado ou descartado em sua história.

Outro fator de divergência seria a paridade entre o oral e o escrito, a grande necessidade de efetivação da escrita como arquivo e, principalmente, como foi dito acima, fonte de manipulação e poder. Recursos mnemotécnicos são utilizados frequentemente, como a memorização, a repetição e a escrita.

Em relação à memória coletiva africana, mais especificamente na obra *Amkoullel, o menino fula*, percebe-se efetivamente como essa memória coletiva se procede; assim podemos destacá-la como manutenção da sociedade, assentamento e organização social, manutenção da articulação do homem com a natureza. Dentre os recursos mnemônicos, temos a memorização, a repetição, a lembrança e a criação de imagens.

Sendo assim, pontos de convergência e de divergência são encontrados tanto na memória coletiva medieval quanto na memória coletiva africana, mas o que realmente sobressai é fazer da memória coletiva a memória de um grupo de pessoas, tipicamente passada de uma geração para a seguinte, como forma de manter a história da sociedade em que esteja a representar.

Referências

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. Tradução de Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

_____. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, J. (Org.). **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão; Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. (Org.). **História Geral da África I, Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em 2013-07-30
Publicado em 2014-01-01